



Da peça a ser encenada por Ricardo Pais, no Teatro Nacional D. Maria II, em Novembro próximo, o JL conseguiu obter cinco fragmentos inéditos do acervo de quatrocentas páginas que constitui toda a faustiana de Pessoa, e de cujo tratamento dramático está encarregado António S. Ribeiro. São

Cinco fragmentos do "Fausto"

INÉDITOS PESSOA

*

Um corpo humano!
Às vezes, eu olhando o próprio corpo
Estremecia de terror ao vê-lo
Assim na realidade, tão carnal.
Encarnação do mistério, tão próxima
Misteriosidade e transcendente
Aprontar-se-(me) em mim do negro e fundo
Mistério do universo.

Há entre mim e o real um véu
À própria concepção impenetrável.
Não me concebo amando, combatendo
Vivendo como os outros. Há em mim, íntima,
Uma impossibilidade de existir
De que abortei, vivendo.

Essas dores da carne e do costume
Que humilham e esporeiam, lhes ocupem
O que da vida fica após dançarem!

Mas nem o ódio me embriaga! Eu fico
Torturado na cruz do ódio meu,
Inutilmente, como um Cristo
Em terra de gentis

Ó febre em que estremece, frio,
O meu ser.

JORNAL DE LETRAS
14/06/1988

Sonhos dentro de sonhos,
Involuções de sonhar,
Os pensamentos são medonhos
Quando se querem aprofundar
E os corações ficam tristonhos, tristonhos,
Quando se sentem sentir pensar.

Ilusões dentro de ilusões
Atormentando o descrer;
Descrenças e crenças são ambos visões
São ambas sonhar, são ambas crer.

Reza por mim!
Reza por mim! A mais não me enteneço.
Só por mim mesmo sei enternecer-me
Sob a ilusão de amar e de sentir
Em que forçadamente me detive.
Reza por mim, por mim! Eis a que chega
A minha tentativa a querer amar.

Sua alegria cospe-me na cara
Pois desde que nasci me exclui da vida.



Joaquim Seabra Pessoa, o pai de Fernando Pessoa. Que é sabido da sua vida, do seu amor paternal, dos seus escritos? Ao «Diário de Notícias», em particular, a sua vida ficou intimamente ligada, ao longo de cerca de 16 anos (1876-1892). Aí desempenhou, com zelo e assiduidade, as funções de cronista musical. Eis

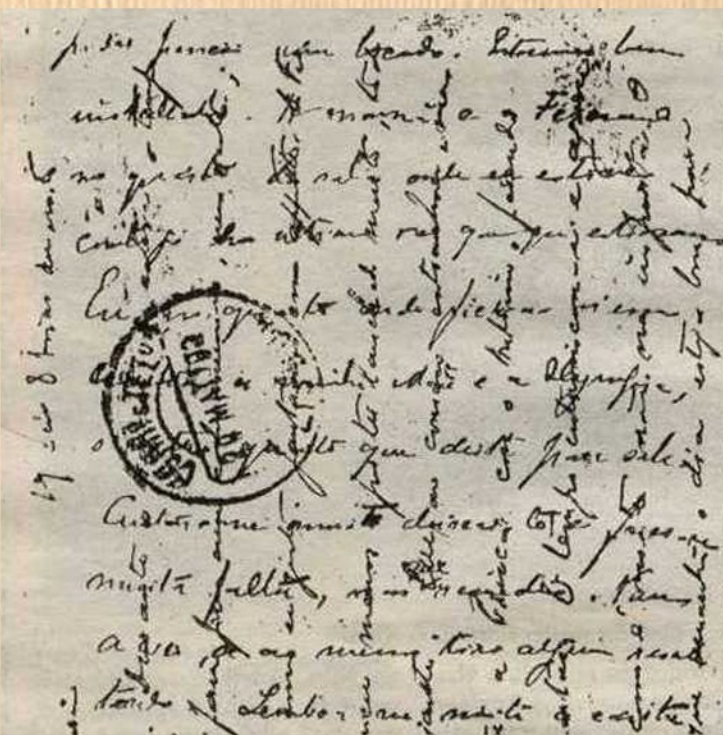
O pai de Fernando Pessoa através de cartas inéditas

Manuel Cadafaz de Matos

Entre 13 de Junho de 1888, data do nascimento de seu filho Fernando, e 3 de Junho de 1892, altura em que publica a sua última crónica no «Diário de Notícias», a produção é verdadeiramente vasta. Num cômputo global poder-se-á dizer que a sua produção em todo esse período de quatro anos ultrapassa as 180 crónicas.

Esse é, por assim dizer, o seu período «sem história» — o próprio nascimento do Fernando não tem história: é a normalidade da vida daquele que se assume numa tripla vertente: chefe de família, funcionário público e amador de espectáculos de ópera e de concertos. A sua «história de vida» neste período — a encarregarmo-nos dela algum dia — terá de ser feita a partir dos elementos ideológico-estéticos transpostos para as crónicas do «Notícias».

JORNAL DE LETRAS
14/06/1988



Fragmento de uma das missivas do pai de Pessoa

São pungentes, a nosso ver, algumas cartas deste homem que, lidas numa óptica psicanalítica, denotam a profunda solidão que sentia. Ele próprio tinha consciência de que a situação não seria brilhante em termos de saúde. As respostas que, na altura, a ciência médica tinha para casos como o seu não eram, ainda, deveras satisfatórias. Ia-se vivendo até ao fim, minorando na medida do possível (e com os remédios ou drogas existentes) o mal que se tinha. O seu médico, o dr. João de Korth, que como ele andava frequentemente pelo S. Carlos, ia-o acompanhando como podia.